

**JÚLIA CÔTA**

---

**74 ANOS A MOLDAR HISTÓRIAS**  
**APONTAMENTO BIOGRÁFICO**

**CANDIDATURA PRÉMIO NACIONAL ARTESANATO**

**2019**

## ÍNDICE

NOTA INTRODUTÓRIA.....	2
1. 74 ANOS A MOLDAR HISTÓRIAS.....	4
2. UMA ORIGEM MARCADA NO BARRO.....	6
3. ANTIGAMENTE ERA UMA TRISTEZA, MUITA FOME!.....	9
4. <i>COMO EU TINHA JEITO, DERAM-ME SOCIEDADE!</i> .....	13
5. <i>EU GOSTO DE TUDO, MAS AS BONECAS E OS DIABOS... SÃO TÃO FEINHOS, NÃO SÃO? MAS DE FEIOS TÊM A SUA GRAÇA!</i> .....	16
6. EU NÃO QUERIA ERA MORRER SEM DEIXAR NINGUÉM A TRABALHAR NISTO E AGORA JÁ TENHO.....	20
7. <i>EU TENHO MUITO ORGULHO EM MIM, PALAVRA D'HONRA!</i> .....	23
EM SUMA.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
DOCUMENTOS <i>ON-LINE</i> .....	30
VÍDEOS <i>YOUTUBE</i> .....	31
ANEXOS.....	32

## NOTA INTRODUTÓRIA

Barcelos terra banhada pelo Cávado, fértil em criatividade com magníficas manifestações de artesanato, nascida nas mãos de artesãos singulares que lhe conferem o título de Capital Nacional de Artesanato e o mérito reconhecido pela UNESCO enquanto Cidade Criativa na categoria de Artesanato e Arte Popular. Barcelos é artesanato.

Do coletivo artífice aos singulares barristas. De geração em geração construindo legados, dos mais genuínos, perpetuados no universo artístico nacional, encontra-se Júlia Côta, barrista de nascença com o fado traçado no barro como sentença, immortalizando a geração Côta.

Aqui traçadas as linhas com que se funde uma vida de *74 anos a moldar histórias*, merecedoras da exaltação e reconhecimento dos seus pares, seguidores e público em geral. Uma vida conseguida no trabalho e refletida na obra digna de conhecer, desfrutar, divulgar, exaltar e aplaudir nestas breves páginas.

Era uma mulher de Júlia Côta,  
pássaros nos ombros,  
galinhas no peito,  
cobras subindo pernas acima,  
flores abrindo no vestido,  
três cornos de macho no coração.

Disse,

eu vou matar os meus filhos a tiro como quem mira na saudade  
para escrever o passado a limpo e comprar o futuro fiado.  
Depois, pouco importa os filhos se a vida é só atrocidade.

Era uma mulher de Júlia Côta,  
as gambiarras no vestido,  
o arraial no rodado da saia,  
as cobras à espreita,  
voz de cão,  
três cornos de macho no coração.

Disse,

matei os meus filhos a tiro como quem matou o passado.  
Depois, caiu para o lado, festa inteira no chão, a aldeia estava morta.

*As magníficas mulheres de Júlia Côta*, poema de Valter Hugo Mãe para Carla Craveiro.

## 1. 74 ANOS A MOLDAR HISTÓRIAS

As magníficas mulheres de Júlia Côta, no poema de Valter Hugo Mãe, mostram-se repletas de vivacidade e vivências, força e trabalho, família e origens, cores e vida, mas também tristeza, fatalidade e morte, numa dualidade constante onde a terra argilosa transforma em matéria a saudade do passado e a alegria do presente marcado nas mãos, no rosto, no olhar e no mundo desta artesã barcelense.

Mulheres com a essência da sua criadora - Júlia Côta - autêntica minhota de génio e carácter, com o coração ao pé da boca:

*Eu sou mesmo assim, acredite! Digo o que sinto, não gosto de mentir! A todo sítio onde vou, as pessoas conhecem-me e querem dar beijinhos, uma palavrinha, querem que eu assinie as minhas letras num papel... (risos) Eu vou-lhe contar uma história - Eu fui ao Bom Jesus de Braga fazer uma exposição de Cristos, só com gente da alta, bem formada, bem vestida... Pediam-me para pôr ali as minhas letras, assinar. Quando me lembro só me rio...*

Analfabeta de letras, mas com ensinamentos de vida na mestria do barro sem igual,

“(...) não tardou a fazer-se notar. Do Porto vinha amiúde um senhor procurar os seus barros. Era tipógrafo e fez-lhe um carimbo, para poder assinar as suas peças, já que não aprendera a fazê-lo pelo seu próprio cunho. Mas advertiu-a: “Nas minhas peças não quero que use o carimbo!”. [\(1\)](#)

Consciente desta necessidade de valorização e de dar continuidade à originalidade das suas peças, aprendeu entretanto a assinar o nome, porque a impressão única das mãos é sua, mas o mundo exige-lhe a letra, a firmação de artesã. Júlia revela que, apesar de não ter aprendido a ler e a escrever, a sua mestria iria mais além quando:

“(...) uma professora de Barcelos lhe ensinou a escrevinhar as iniciais **JC**. “Sabe, são estes rabiscos que dão valor às peças, sem eles as peças não valem nada” – afirma, numa lacónica e irónica lição sobre a natureza das coisas.” [\(1\)](#)

(1) <http://www.feiradebarcelos.com/artesaos/julia-cota>

Júlia é essência e a sua originalidade conquista patamares de reconhecimento, sem falsa modéstia nem presunção, mesmo não tendo a projeção de Cristiano Ronaldo, por onde passa, faz-se notar:

“Quando, há umas semanas, passou por Lisboa para participar em mais uma feira de artesanato, Júlia Côta arreliou-se com a confusão à volta dela. Queriam dar-lhe beijos, uma palavrinha, ouvir falar a conhecida ceramista de Barcelos. E ela a estranhar o rebuliço: “Vocês vão-me desculpar, mas eu não sou o Cristiano Ronaldo”, disse-lhes. E, do outro lado, a justificação, como quem pede desculpa: tinham-na visto na televisão e ficaram encantados por ser tão genuína. “Eu nem sabia o que era genuína”, conta Júlia, brincos dourados, avental coberto de tinta, genica a contrariar o ano de nascimento.

Júlia Côta não é espetáculo de televisão. Debaixo dos holofotes é o mesmo que se vê fora deles, é aquilo que diz — “E eu só digo o que me vai aqui”, jura, enquanto leva uma mão ao lado esquerdo do peito.

Na sala de entrada da moradia, numa vitrina de dimensões generosas que um dia um senhor lhe ofereceu, há diabos e diabas, músicos, mochos, juntas de bois, as suas “lindas minhotas”. Gosta de todos. Mas pelas suas bonecas tem um carinho especial. São mulheres de mão na anca, olhar vivo de quem parece capaz de enfrentar o mundo inteiro, toda a paleta de cores vestida, mulheres anti-regras e etiquetas, todas elas essência. Como Júlia.”<sup>(2)</sup>

Efetivamente, trata-se de uma das mais conhecidas barristas de Barcelos cujas origens se perdem num passado de galos e histórias... do diabo! Argumentos que fazem dela um marco de autenticidade da cultura popular portuguesa.

(2) [http://lifestyle.publico.pt/viagens/376000\\_os-artesaos-sem-moldes-e-outras-historias-de-uma-cidade-a-conquista-da-unesco](http://lifestyle.publico.pt/viagens/376000_os-artesaos-sem-moldes-e-outras-historias-de-uma-cidade-a-conquista-da-unesco)

## 2. UMA ORIGEM MARCADA NO BARRO

Até há pouco tempo a mais jovem barrista da geração Côta, aos 83 anos de vida, Júlia da Rocha Fernandes de Sousa nasceu em Santa Maria de Galegos, a 26 de dezembro de 1935, e desde o berço que (con) vive com o cheiro e a humidade do barro, pois nele se fez menina, moça, mãe, mulher, artista.

Nascida de uma geração prodigiosa em barristas, sua mãe Rosa Faria da Rocha, filha de Domingos Coto, nasceu no dealbar do século XX, a 24 de maio de 1901, também em Galegos Santa Maria. Rosa “Côta” iniciou-se bem cedo no trabalho do barro, num ambiente comum a muitas mais crianças da freguesia. Órfã de mãe, aos 14 anos teve de assumir as tarefas da vida doméstica e a responsabilidade de cuidar de todos os seus irmãos. Casou com Eduardo Fernandes de Sousa - o *Percina*, excelente oleiro rodista e exímio artífice de galos, que ajudava Rosa quando era preciso fazer “cabaços” para as peças maiores. Os “cabaços” termo popularmente usado e que designa o conjunto do tronco e membros inferiores das bonecas, na roda de oleiro que, posteriormente, Rosa perfazia e enfeitava à medida que a sua fértil imaginação brotava inspiração para as suas mãos.

Em relação ao pai de Júlia, o *Percina*, segundo João Manuel Mimoso, no artigo *Origem e evolução do Galo de Barcelos*, existem atualmente no depósito do Museu Nacional de Etnografia peças deste artesão, porque curiosamente pesa sobre a sua pessoa e obra um silêncio quase total:

“(subsiste) um importante conjunto de galos do mesmo ceramista (marcados “EFS Barcelos” - Eduardo Fernandes de Sousa) (...) que devem ter sido fabricados para as exposições de arte popular realizadas em Espanha, nos primeiros anos da década de 1940”.

No artigo *Quando eram rudes e exilados*, de 2002, Alexandre Alves Costa apresenta-nos uma reflexão sobre o trabalho dos pais de Júlia Côta:

“Percebemos que a tradição é a mesma, o ponto de partida idêntico, na Rosa Cota e no Manuel Coto. Tradição longínqua ou, se relativamente moderna, sempre exibindo «primitiva e bárbara», nas palavras de Peixoto. Nenhum destes artistas lhe foge mas, mesmo sem criar uma nova estética, interpreta-a e aprofunda-a de forma

diferente. É uma arte anónima, os temas são recorrentes, assobios e paliteiros para se justificarem autorias, estilos e estéticas pessoais.” (pp.8)

Por sua vez, a mãe Rosa continuou a atividade de forma frenética, tanto mais que a família crescia e era preciso sustentar os seus oito filhos:

*A minha mãe trabalhava como uma negrinha. Sentava-se ao pé da lareira e fazia louça sem destino: músicos, boizinhos, cavalos, chocas, enfim, tudo o que fosse figurado sortido. E tudo com assobio.*

Segundo a obra *O real e o imaginário: memória e identidade no figurado de Barcelos*, produzida pelo Museu de Olaria, de 2014, ao serem apresentados os *Mestres barristas do século XX*, surge uma descrição da obra de Rosa Côta, a qual nos apresenta:

“O artesanato da barrista começou por ser pueril, simples representando cenas do quotidiano, mas foram depois as peças mais excêntricas – destaque para os «gigantones» e «taralhotos» - que fizeram de Rosa Côta uma barrista reconhecida e prestigiada.” (p.11)

A morte fez desaparecer Rosa Côta a 30 de janeiro de 1983, mas a sua memória e a sua obra permanecem para a posteridade, quer pelo legado do seu artesanato que podemos admirar, como pelo mundo artístico herdado pela sua filha Júlia, onde se leem ainda as marcas do trabalho de Domingos Côto, seu pai.

Domingos, Rosa e Júlia - Separados por quase século e meio, mas unidos por sangue e barro, são a geração Côta - avô, mãe e neta – que remonta aos finais do século XIX e tem perdurado no tempo como uma das mais genuínas na forma como modelam o artesanato barrista de Barcelos.

A saga terá começado precisamente com Domingos “Côto”, o avô, oficialmente João Domingos da Rocha, nascido em 1877, na freguesia de Galegos Santa Maria. Domingos (aceitou a alcunha de côto, por um familiar ter comprado uma casa a uma mulher com um dedo côto) casou aos 21 anos e teve oito filhos, entre os quais: Rosa, João e António – os que, além da alcunha, lhe herdaram o jeito para a modelação do barro.

Domingos Côtto morreu aos 71 anos, a 1 de maio de 1959, porém o seu nome perdurará como um dos primeiros, senão mesmo o criador do famoso Galo de Barcelos. Conta João Côtto, filho de Domingos, em entrevista ao *Jornal Tal e Qual*, edição de 23-04-1985, ter visto o seu pai fazer à roda o pescoço, o cabaço e o pedestal de um galo, a que depois juntou as restantes peças: “Eu perguntei-lhe, muito admirado: Para que é isso? - Deixa estar que vai ter valor, respondeu-me ele. Fui eu quem pintei aquela peça e a vendeu em Barcelos !...” refere João, irmão de Rosa e tio de Júlia, testemunha da criação do primeiro grande galo de Barcelos realizado na roda.

Embora sem certezas absolutas, diversos autores corroboram esta versão, de que terá sido Domingos Côtto, na década de 30 do século XX, o autor do primeiro Galo de Barcelos, emblemática figura em barro inspirada na Lenda do mesmo nome. Polémicas à parte:

“(...) esta figura típica da louça de Barcelos, (...) teve o seu nascimento em Galegos Santa Maria, pela mão do Oleiro Domingos Côtto, na década de trinta. Primeiramente o galo era feito à mão, começou depois a ser fabricado à roda e em série, de todos os tamanhos, em quantidades industriais. Hoje corre mundo como embaixador de Portugal. E não tem representado mal o seu país.”  
(Magalhães,1987:41)

A geração Côtta mostra-se pródiga em artesãos e barristas desde Domingos - o avô, passando por João, António e Rosa – tios e mãe, que em seus núcleos familiares deram origem a mais barristas de renome como Maria Sineta, esposa de António, chegando a Júlia e Emília Côtta, irmã, uma dupla de artistas que perpetua o legado, juntamente com outros talentos que amadurecem para épocas vindouras, como é já bom exemplo a filha de Júlia, Prazeres Côtta, que assegura o futuro deste património singular da Arte Popular Europeia.

### 3. ANTIGAMENTE ERA UMA TRISTEZA, MUITA FOME!

“Quando o mundo desvaira, o barrista tem o Mundo inteiro nas mãos. Dispersa talento, como espalha obra.” (Chaves,1936:9)

Lembra saudosa com voz embargada na cantiga da vida ou entoada de tanto a dizer, pois os primeiros anos de vida, Júlia dividia-os entre a doutrina e o barro:

*Sempre que trabalho o barro lembro-me do meu pai e da minha mãe! Comecei com nove anos a estragar o barro, sim, porque não fazia grande coisa que se aproveitasse. Nunca fiz outra coisa! Espalmava sapatas para os bonecos, modelava uns pitinhos com um assobio à frente, que a minha mãe já aproveitava para vender, e ia aprendendo a aparelhar as figuras que o seu pai fazia na roda de oleiro. Ele fazia as peças e nós púnhamos os achegos.*

Lá em casa, o *São Miguel*<sup>1</sup> da família, na comparação do trabalho agrícola com o trabalho do barro, era colhido com afinco:

*O São Miguel dos pais eram dez carros de barro que vinham de Manhente e se guardava para dar para todo o ano. O meu pai comprava o barro no verão para não termos de o amassar no inverno, que aquilo era um castigo! Apanhávamos as necessidades do gado com as mãos para não cair no barro. Era uma miséria! (...) Eles iam comprar o barro aqui a uma barreira de Manhente onde eu moro, numa bouça faziam umas covas, mas agora fechou. Essas covas, meu Deus, davam para enterrar um cento de gente. Era o São Miguel deles - Era o barro! O S. Miguel era os carros de bois cheios de barro, que os filhos ajudavam a guardar numa ruma, para depois se trabalhar todo o inverno! Uns guardavam os cereais, nós era o barro! No inverno, a gente no barro... aquela neve entranhava-se... e a gente ficava com as mãos pecas!... Conseguíamos trabalhar com água morna, só ... O meu falecido pai saía com as mãos do oleiro de barro da “roda”... pareciam cortiça! Depois no verão era melhor, com o tempo bom, ia-se às feiras vender!*

1 - Designação popular para o sustento da família, salário.

Ainda menina em casa dos pais, quando o tempo ajudava e o calor chegava:

*Nós íamos para a feira de Barcelos com o cesto da louça à cabeça, com músicos, boizinhos, chocas, de tudo, vender a 2 tostões, 3 tostões... Que miséria! Fazia também umas pombinhas que vendiam a um tostão cada uma na feira. Ora veja lá que fortuna!*

Afirmações de tristeza e pesar que não fogem às evidências da vida, pois este trabalho da mulher e das crianças era fundamental para a economia familiar da época, onde as crianças raramente frequentavam a escola. Aliás,

*“A escola essa ficou adiada sine die: em boa verdade, a rapariga só lá foi uma vez, com uma lousita debaixo do braço, mas quando a professora lhe disse que não havia lugar para mais alunos, até ficou toda contente por se ir embora.” (Pelos Mãos de Côta, Catálogo de Exposição, 2017)*

Contudo, hoje tem pena de não saber ler nem escrever, sente que a vida teria sido melhor e o trabalho no barro mais facilitado.

*Mas, oh menina, antigamente era uma tristeza, não havia dinheiro para nada. Era uma miséria! Para os pincéis cortávamos um bocado de pelo do rabo dos gatos e atávamos a um pau com um atilho para pintar. Até como as tintas, não havia estas cores de agora. Era tudo mais triste como a vida! Nós íamos à cidade comprar uns pós de amarelo e azul e a alvaiade p’ra fazer o branco!*

Na obra *Figurado de Barcelos: Desenhos de Barro*, de 2006, os registos confirmam a evolução e alteração das técnicas:

*“(...) usavam-se tintas muito fracas, feitas pelos próprios barristas à base de vernizes, resinas e pigmentos nas drogarias locais. (...) Aqui há uns vinte anos, deixaram de pintar com poses, zarcão, aguarrás e resina, que lá se iam com o sol e a chuva, e pintam com ripolim.” afirma Júlia Côta. (p.58)*

Lembranças distantes, envoltas numa gargalhada de saudade, num misto de alegria e tristeza que contrastam com a atual abundância, onde os materiais são muito mais acessíveis e facilitadores do trabalho, se bem que, o barro é barro e a mão é única.

Conforme nos descreve Félix Bello Vásquez na sua obra *El Folklore en la Cerámica figurativa del Minho, Consideraciones históricas y etnográficas sobre el Noroeste de la Península*, na qual em 2009 realizou uma entrevista à artesã, relatando esse passado difícil:

“Mientras está encima de la mesa de trabajo, donde crea su mundo, se lamenta de aquella época.

- La vida era difícil entonces. Eran tiempos malos; había hambre. Desde pequeña aprendí a hacer figurado con mis padres. La mujer era muy esclava de la vida. Mi madre y yo íbamos descalzas y a pie a la feria de Barcelos, cargadas con tres arrobas de loza a la cabeza, y se vendía bien.

A Júlia Côta es fácil hacerla hablar de la conciencia del pasado.” (p.187)

Contudo, do “estragar o barro” ao despertar do talento, tudo foi ficando claro aos olhos dos pais, que dos oito filhos, viam em Júlia nascer aquela que lhe perpetuaria a arte.

#### **4. COMO EU TINHA JEITO, DERAM-ME SOCIEDADE!**

Moça feita, Júlia casaria, em setembro de 1958, com José da Silva Bogas, pintor de barro à pistola. O casal foi morar na casa dos sogros da artesã, que de enxoval só tinha levado o que a mãe lhe dera: *dois lençóis e um cobertorzinho mas fraquinho*. Para ajudar nas despesas da família, Júlia começou a pintar galos para a cerâmica Infante como *pintadeira*, à peça, mas depois de muitas insistências, voltou a trabalhar junto dos pais:

*Trabalhei um ano na fábrica a pintar galos, mas depois fui trabalhar com os meus pais, com sociedade. Ganhava 15 tostões à hora, como eu trabalhava bem e o trabalho rendia-me, os meus pais dobraram-me o salário e passei a ganhar 13 escudos. Então é que eu tomei gosto pela louça! Quando levei os primeiros 100 escudos para casa, comprei a mercearia. Dava-me para comprar as coisas para a casa, o que fazia falta, daí ganhei mais gosto e nunca mais parei.*

O poder económico da zona nordeste do concelho provinha, essencialmente, da terra ou pela agricultura ou da olaria. Na olaria, a matéria-prima vinha do terreno, não dos artesãos que os não tinham, mas dos agricultores. Júlia confirma, que no seu núcleo familiar nunca se trabalhou na agricultura, pois a olaria era a atividade económica e social predominante. Era comum o casal trabalhar no barro: o homem trabalhava o torno enquanto a mulher juntava o figurado, com o trabalho da casa e dos filhos e ainda a venda dos produtos, levada em cestos na cabeça para negociar a remessa pronta na feira local. Uma produção marcadamente regional, alicerçada no talento dos barristas, identitária do seu território de origem, Barcelos.

Nas considerações de Angélica Cruz, de 2003, no artigo da *Revista Mãos*, surge a motivo que fez certas mulheres continuarem a trabalhar o barro, apesar das adversidades:

*“As mulheres mantêm-se nesta atividade que, depois da descoberta de Rosa Ramalho, passa a ser valorizada e a ter sucesso em termos de nome, prestígio e monetário. É a partir daqui que apenas singram as que tinham habilidade e “paixão” por esta atividade. Esta habilidade, normalmente herança familiar, reflete um pouco a “escola” que as gerou, tanto na temática como na forma, mas sempre com uma crescente vontade de demarcação em relação aos antecessores e em relação aos que neste momento exercem a mesma arte. Se até ali era uma atividade de todas,*

agora passa a ser só de algumas. Hoje, já não se trabalha neste ofício só para completar o orçamento familiar mas também porque se tem uma habilidade que permite a consecução de um impulso estético que localmente é referido de “paixão”. Júlia Cota refere:

“É preciso ter paixão (...) e também é preciso ter habilidade. Mas também lhe digo se não tiver paixão... é escusado não adianta nada (J.Cota).” (p.14)

Consciente da sua “paixão”, Júlia Cota reforça essa ideia:

*Trabalhava dia e noite. Às vezes ficava até às tantas a fazer peças. O que eu passei para fazer a casinha e ao mesmo tempo criar sete filhos! A vida nessa altura era muito triste, muito sacrifício. A gente tinha os filhos e com 15 dias ia lavar a roupa ao rio, de joelhos e descalça. Era muita miséria! O meu pai queria que a minha mãe trabalhasse muito, dizia que, até ao fim do dia, ela tinha de encher a mesa de peças e ela enchia! Ao fim do dia, a minha mãe fazia, eu vou dizer como sei, 16 centos de peças... A mesa estava cheia!*

Efetivamente, a família de Júlia cresceu até aos sete filhos e a todos criou com o esforço do trabalho no barro. Da casa arrendada para a habitação própria, é aí que Júlia demonstra a sua força: mudaram-se, ainda a construção da casa estava em esqueleto. Comprou uns poucos metros de tecido e fez as divisórias em pano. E assim se acomodaram até a obra ficar pronta, continuando a pagar as prestações ao fornecedor de materiais:

*Na maré, eu ia a Barcelos pagar as letras do materiais todas as semanas, às vezes não pagava, ia só dizer que levava o dinheiro na semana a seguir. Depois vendia umas peças e pagava. Pagava sempre, nunca fiquei a dever nada a ninguém. Ainda hoje tenho muito orgulho de poder andar na rua com a cara levantada!*

Com honra e orgulho Júlia escreve a sua história apagando o sofrimento com vontade de sorrir, nunca esquecendo e continuando a labuta.

“Era difícil ser barrista em Barcelos (...) Nascia-se no meio do barro, crescia-se no meio do barro e morria-se por causa do barro. No barro não se trabalha por escolha mas porque se nasce nele”. (Câmara Municipal, Figurado de Barcelos: Desenhos de Barro, 2006:37)

Contudo, com o falecimento da mãe Rosa, Júlia teve de assumir a atividade sozinha. Como religiosa assumida, remete a Deus a responsabilidade de a ter iluminado e dado forças para continuar:

*Foi um grande sacrifício, chorei e sofri muito, porque tudo me lembrava dela... Mas era a minha Missão!*

Poucos anos passados e também o marido de Júlia falece:

*Eu tinha a minha casa em meio uso, mas como eu pude, fui trabalhando e fazendo um aposento de cada vez e acabei. Tenho muita tristeza de não o ter comigo, preferia sei lá... comer sopa todos os dias, mas gostava de ter o meu homem! O meu marido era a trave da minha casa... Quando ele faltou foi um desgosto muito grande!*

Castigada pelos infortúnios da vida, continuou a sua luta e no barro encontrou forças para construir o seu legado e dar vida à sua história, criando peças carregadas pela dureza, mas também pela alegria das vivências e da sua superação, que segundo ela, estão bem espelhadas na cor e garrido das suas peças:

*Elas são uma forma de contar a minha história.*

## **5. EU GOSTO DE TUDO, MAS AS BONECAS E OS DIABOS... SÃO TÃO FEINHOS, NÃO SÃO? MAS DE FEIOS TÊM A SUA GRAÇA!**

“Pelos híbridos o quotidiano rompe-se, a ordem encontra a desordem, o real mescla-se com o imaginário, enfim, o figurado torna-se desfigurado e emerge a criatividade.” (Providência,2002:34)

A artesã desenvolveu um estilo de figurado muito particular, dando corpo a um mundo fantástico, repleto de cores e alegria, traços que caracterizam precisamente a sua personalidade, produz figuras burlescas, religiosas e muitas outras representações do seu imaginário.

As bonecas – algumas bem barrigudas – de sobrancelhas carregadas, com grandes colares e brincos compridos, muito coloridas e de expressões faciais exageradas e vincadas são a imagem de marca da barrista. Às emblemáticas bonecas juntam-se os diabos vermelhos com dentes de ouro, os galos ímpares na forma, nas cores e nos motivos, os santos populares, os homens-assobio, os nichos de alminhas, os jardins-de-mijões, as juntas de bois e diversos animais, entre outros exemplos da variedade temática e cromática do Figurado de Barcelos.

Quando a inspiração não tem nome, provindo da essência, Júlia afirma:

*A minha mãe não fazia estas bonecas nem os diabos, no princípio. Eu também não sei como comecei. Sento-me aqui na mesa, olho p'ro barro e começo a fazer e depois sai-me! Sento-me aqui e penso o que vou fazer, mas só sei à medida que vou fazendo. Vou vendo, só no fim é que sei... A gente vai indo e do fio vai ao novelo, não é?*

Remata com provérbio, recurso constante na sua dialética de ideias, pois a barrista tem o coração ao pé da boca, e vive ao ritmo do fervilhar dos seus sentimentos: ora solta uma gargalhada, ora a voz se lhe embarga quando fala da fragilidade da vida e do passado com saudade.

Nas palavras de Alexandre Alves Costa, arquiteto e aluno de António Quadros, nos seus escritos sobre os barristas de Barcelos, interpreta estas atitudes como fruto da ingenuidade e pureza dos artesãos. Com o transgredir da funcionalidade das peças para a arte, em que as peças valem por si

só - A arte pela arte, dá-se o salto da arte popular para a arte erudita, ultrapassando o seu objetivo utilitário, e acrescenta:

“O que é importante é a espontaneidade, porque os artistas eruditos não tem essa capacidade. A pureza das crianças com uma técnica absolutamente inacreditável na forma de trabalhar o barro, têm a liberdade das pessoas autênticas, pura das crianças.” (Reportagem TVI, 27.07.2015) [\(3\)](#)

Assim é Júlia Côta, com uma espontaneidade marcante e uma técnica desenvolvida durante anos de ofício. Também ela, à semelhança de outros barristas, tem dificuldade em explicar esta capacidade em si, em reconhecer esse génio e essa bonomia dos atos, porque no processo criativo o artesão introduz o seu cunho pessoal, cria nos seus bonecos - ideias, formas, cores, contrastes, harmonias, toques, moldes, singulares e irrepetíveis, que são fruto de uma criação mental e afetiva, na qual existe a realidade concreta (a matéria), a realidade imaginada (a peça) e ainda uma outra realidade projetada pelo cunho do próprio artesão, uma marca só sua, inimitável.

Alguns barristas, como Júlia Côta, criam também figuras com atributos mais conotados com o sagrado, o transcendente, o etéreo, sem o vestígio do contacto humano, como se fossem feitas por “obra e graça do Espírito Santo”.

“No seu ofício, de mãos ágeis, os barristas (e)laboram a reinvenção dos utensílios do quotidiano em brinquedos ingénuos e figuras candidamente maliciosas. Mas o figurado é também essa outra “arte” de dimensão simbólica que exorciza mitos, lendas e medos, e eleva o artesanato em barro a uma dimensão bipolar que vagueia entre o “divino” e o “demoníaco”.(...) Um mundo contido na imaginação dos barristas, pois esta “remonta tão longe como a profundidade das crateras esventradas na terra de onde os barreiristas extraem a sua matéria-prima.” (Viana,2014:6)

(3) <https://tviplayer.iol.pt/programa/reporter-tvi/53c6b3483004dc006243bd77/episodio/t2e30>

É neste duelo, à imagem da *Divina Comédia* de Dante, que se digladiam também os temas do Figurado de Barcelos, repartidos entre: a vida quotidiana, as figuras várias e miniaturas, a religião e festa e o bestiário. Um mundo contido na imaginação dos barristas, onde os sonhos e inspirações ditam figuras, criam demónios exorcizados na terra em romagem ao céu, esse paraíso digno dos deuses.

“(…) a permanente recriação com a liberdade que retiram da experiência da vida, deles a astúcia minhota com que convencem os outros que a sua arte nada tem que ver com a vida e por isso pode permitir-se o surrealismo”(Costa,2002:11)

Do mesmo modo, Júlia Côta afirma ter pelas suas figuras mais icónicas, as bonecas e os diabos, um carinho especial:

*Tanto gosto de santos como de diabos. Gosto de diabos porque são tão feinhos, mas de feios têm a sua graça! (ri-se) Vou-lhe contar a história – Um dia, ainda solteira, fui à Romaria do São Bento da Várzea em Barcelos e vi a capela do diabo, que ainda hoje lá está, e fiquei na ideia: E se eu fizesse uma peça assim?!*

Rapidamente pôs mãos à obra e o seu diabo surgiu. Inicialmente de cor preta e com asas para entretanto se tornar vermelho, por sugestão do marido, e mais terreno longe da figura de anjo caído do céu.

Com base nesta peça tão singular e identitária do seu figurado, em novembro de 2016, a Imprensa Nacional Casa da Moeda criou a série de moedas de coleção, intitulada «Etnografia Portuguesa», em que a quarta moeda desta série é alusiva ao Figurado de Barcelos (4), o Diabo de Júlia Côta:



*Dei autorização ao representante da casa da moeda de Lisboa para colocar o diabo na face de uma moeda. Ele veio cá a Barcelos e ofereceu-me uma moeda e mais uma para cada filho. Fiquei muito contente com a medalha.*

Esta é uma demonstração categórica da representatividade da obra desta artesã no conjunto da etnografia portuguesa.

(4) [https://www.incm.pt/portal/loja\\_detalhe.jsp?codigo=102992](https://www.incm.pt/portal/loja_detalhe.jsp?codigo=102992)

A artesã faz de tudo e tudo com grande paixão, continuando a colocar apitos em muitas das peças que “*assobiam que é um amor!*”. Os animais ocupam também um lugar de destaque nas suas criações, de entre eles o galo e as suas galinhas, mas enfeitados para a festa. Todas as formas são permitidas, conservado que seja o traço rude, a cor brilhante, o enfeitar abundante, o barro floresce em rodas como o altar enfeitado da romaria minhota, onde passa a procissão. O tapete em flores das romarias minhotas está de algum modo presente nesta decoração plural destes objetos, como nas saias das minhotas que Júlia produz: cada uma a seu jeito, cada uma com seu traço, cada uma decorada ao ritmo do pensamento irreverente e procurando manter distância da romaria minhota colorida presente na boneca anterior.

Estando o **diabo** à espreita com a sua forquilha em punho, também surgem **cristos** na cruz, **altares** e **santos** de devoção para todos os gostos. Toda uma panóplia de figuras que desfilam da sua imaginação para as feiras nacionais e internacionais, nas quais se faz representar, ou nas *vitrines* de sua casa, numa montra improvisada, saltam à vista ainda as **bonecas, os pombais, galos e galinhas, carros de bois, músicos, cabeçudos, gigantones e matrafonas, sem esquecer os noivos, as alminhas, ceias, presépios, carrosséis, animais, as matanças e as profissões**, estas são as peças que corporizam a essência do figurado de Barcelos como produção certificada.

É no aconchego do seu lar, aquele onde faz magia, todos os dias, através das suas mãos, que Júlia recebe e gosta de receber, diariamente, o público que muito aprecia o seu trabalho.

Hoje, este ofício mantém-se para a economia familiar mas também porque se tem uma habilidade, um impulso estético único, uma “paixão”, que faz Júlia diariamente refugiar-se no barro para dar sentido ao seu dia a dia:

*Às vezes ando mais triste e a minha filha diz-me logo – Você não tem barro para trabalhar, pois não? Eu faltando-me o barro... Fico, não sei, angustiada!*

Nestas linhas se molda a obra de Júlia Côta. Barrista pura, descontaminada de narrativas que multiplicam (re)interpretações sobre a arte popular: uma vantagem que lhe advém por não saber outra coisa - essa ignorância de letras com sabedoria de vida e mestria de artesã. Além do mais, imaginação e vontade não lhe faltam pois são tantas as coisas que gostava de fazer que só uma vida não lhe chega: *Até parece que as peças me nascem nas mãos por isso até nem queria morrer.*

## **6. EU NÃO QUERIA ERA MORRER SEM DEIXAR NINGUÉM A TRABALHAR NISTO E AGORA JÁ TENHO.**

“Fazer figurado não era entendido como um trabalho, no verdadeiro sentido da palavra, e não alterava o papel tradicional da mulher como doméstica. Apesar de trabalharem tanto ou mais do que os maridos e de também ajudarem no sustento, obtendo rendimentos, o trabalho destas mulheres sempre teve o estatuto de complementaridade.” (Cruz,2003:12).

As vicissitudes da vida, a dureza, a pobreza, a persistência e a resiliência não auguravam o futuro idealizado para os nossos filhos. Talvez inconscientemente, a frase de Angélica Cruz faça sentido, quando nos reportamos à perpetuação do legado por parte da família direta de Júlia Côta. Testemunhando o árduo trabalho da mãe, os filhos buscaram outros futuros para si e esta eminência de não deixar continuação, durante décadas, criou grande angústia nesta barrista barcelense.

Em 2009, Félix Bello Vásquez descreve-nos precisamente essa angústia, que durante anos integrou o discurso pesaroso da artesã, relativamente à perpetuação do seu legado:

“Júlia Côta es una mujer sincera, habladora, y que le divierte hacer bonecos y pintarlos. Trabaja con entusiasmo y con la responsabilidad de la viuda que tiene que sostener ella sola la casa. Se queda un poco pensativa y luego se lamenta de que su oficio no le guste a nadie de la familia. Quizá, piensa uno, porque va asociado a la pobreza. Sabe que con ella acabará la vetusta tradición familiar alfarera. Y mira con tristeza los retratos de sus padres, que están colgados en la pared del zaguán.”(p. 187)

Contudo, o destino traçado no barro com a teimosia e angústia de gerações sem futuro trouxeram a revelação de não uma, mas duas seguidoras: Prazeres e Ana Júlia, segunda filha e bisneta, neta de Prazeres. Após anos a acompanhar a mãe no seu ofício, ajudando-a inclusivamente a fazer pequenas tarefas nas peças, sem nunca esquecer os ensinamentos dos avós - Rosa Côta e o *Percina* a trabalharem o barro, e tendo ela por sua vez um emprego numa cerâmica próxima de

casa onde trabalhou durante 20 anos a fazer e pintar vasos de barro, Prazeres Côta (não fugiu à alcunha da família) assumiu recentemente essa “missão” de perpetuar as criações da geração pela qual responde.

“No centro da sala, de frente para a porta, por onde entram agora os últimos raios de sol, jaz uma mesa grande. Sobre ela, os últimos barros cozidos, que aguardam pintura. *Esta fui eu que fiz. Fiz tudo, desde o princípio*, diz Prazeres, meio orgulhosa, meio envergonhada. Pousa o pincel e vira a boneca de pernas para o ar. *Está a ver aqui? O Jota e o Cê de Júlia Côta e um efe de filha. Não está nada mal, não lhe parece?*

Do seu cantinho, Júlia Côta sorri: *Eu acho que até está bem, acho que apanhou o jeito.”*(5)

Hoje, Júlia confirma com orgulho e paz de espírito que o seu trabalho será perpetuado pelas mãos e pelas marcas da sua filha e promissora bisneta:

*Morrendo eu fica a minha filha Prazeres Côta. Ela tem gosto em assinar assim como eu e a minha mãe. Não dá para a gente enriquecer, mas vai-se vivendo livre de vergonhas. Dá o pão nosso de cada dia. Gosto que ela aprenda porque pensei bem que não ia deixar descendentes, mas agora sei que deixo e ela sabe mesmo. A menina tem 8 anos, já fez umas pecinhas e já vendeu. É esperta. Fez pecinhas e bem feito. Pode ser que um dia... também siga o barro. Agora diz que quer a escola, estudar p’ra ser professora, mas um dia quem sabe... Argumenta Júlia na sua astúcia de vida ansiosa para garantir mais um romeiro na escorregadia senda do barro.*

Júlia e Prazeres partilham gostos e tradições, reflexos das suas vivências e fruto da sua criatividade, diz a mãe:

*Eu hoje faço coisas que a minha mãe não fazia e hoje é diferente o que eu faço, porque a gente vai indo e vai puxando pela cabeça. Muda e vai fazendo coisas novas e também se pensa no que o cliente quer. A filha Prazeres confirma *Continuamos com a tradição deles (dos avós) mas vai-se fazendo coisas novas e diferentes. A gente tem de evoluir um bocadinho. É como em tudo na vida!**

(5) <http://www.feiradebarcelos.com/artesaos/julia-cota>

Juntas dividem atualmente a oficina em casa de Júlia e não dão tréguas ao trabalho:

*Tenho 83 anos já feitos, e ainda hoje tenho de trabalhar no barro todos os dias. De manhã gosto de aproveitar mais a cama, mas depois fico a trabalhar até às tantas da noite. Eu nunca aponte, mas trabalho mais de 10 horas por dia. Gosto mesmo disto, gosto mesmo do que faço, não vale a pena mentir – Gosto mesmo!*

A luz do sol atravessa a janela invadindo o breu do trabalho, o fruto da terra lamacento entrelaça as mãos e transforma-se em obra, em objeto de participação na vida do artista e do público que lhe atribui um lar, um aconchego de casa. Ao encontro das palavras de Valter Hugo Mãe, que ao voltar ao porto seguro de seu lar, tem necessidade de *abraçar* Côta. O autor assina, a 9 de novembro de 2011, um artigo para o *Jornal de Letras* intitulado *Casa* onde a descreve como:

“De volta a casa, por um breve dia. Apetece-me passar o tempo todo abraçado ao Santo António da Júlia Côta (...) Não é estranho, assim, que acredite que o Santo António mereça o meu abraço, porque está ali, é lindo, gosto tanto dele que me convenço de que ele também gosta de mim. Tenho-lhe carinho. Mais ainda porque gosto da Júlia Côta e é como ter modo de também a abraçar e ter companhia, mais companhia, em casa. Na minha casa, não a perfeita mas a possível, até porque só do que é possível podemos fazer vida, o resto é sonho e vale apenas como tal.” (6)

Agora juntas, as gerações de barristas de figurado de Barcelos, concentram criatividade e vontade no trabalho que constroem lado a lado. Motivadas pela construção da peça, da casa, da vida, da história de um património e necessário crescimento, na assunção de conferir à arte popular portuguesa, por mais algumas décadas, a essência da obra da geração Côta.

(6) <http://visao.sapo.pt/jornaldeletras/valter-hugo-mae-casa=f632429>

## **7. EU TENHO MUITO ORGULHO EM MIM, PALAVRA D'HONRA!**

“É a mais criativa, mais espontânea e mais imaginativa de todos os artistas figurativos portugueses ainda vivos. A arte de Júlia Côta é, como a da mãe, uma arte atravessada, louca e muito brutal. Uma brutalidade bela e estonteante, própria de quem tem génio à nascença e só ao alcance dos que percebem, de forma natural, a essência das coisas.” (Tiago Coen, *Uparte*) (7)

Na arte de modelar o barro, Júlia Côta faz de tudo um pouco, esse tudo com “uma brutalidade bela e estonteante, própria de quem tem génio à nascença e só ao alcance dos que percebem, de forma natural, a essência das coisas”, conforme se pode ver nas palavras acima transcritas: um figurado rústico e genuíno que bebe influências nas suas raízes - músicos, coretos, cabeçudos, diabos, galos, bonecas, e diversas representações de santos e animais, transfiguram-se em obras desta barrista barcelense.

Viajemos então às raízes. Na década de 60 do século XX, há uma mudança radical no panorama do figurativo de Barcelos, pois apesar da sua longuíssima tradição com excelentes artistas, os barristas ganham então estatuto para deixarem a feira e figurarem agora nas lojas, nas galerias, nos museus. Quando os artistas modernos trazem a arte popular para primeiro plano, começa um movimento de recolha e identificação destes “bonecreiros” produtores do verdadeiro figurado feito com espontaneidade e naturalidade.

Testemunho desse promissor início são os exemplares, que deram entrada no Museu Nacional de Etnologia em 1966, com a ficha manual identificada como pertença a “Júlia Faria de Sousa, conhecida pela alcunha de Júlia Côta”, e com a designação de “Figurado de barro” conforme se pode verificar no Matriznet (8), catálogo coletivo on-line dos museus da administração central do Estado Português. Na consulta realizada na plataforma, foram encontradas nove peças identificadas como autoria desta artesã barcelense e outras peças da autoria de Rosa Côta e Domingos Côto, sua mãe e avô também.

(7) <https://upart.wordpress.com/destaques/julia-cota/>

(8) <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=91226>

Contava então 31 anos, trabalhava com os pais e à recolha de peças produzidas por Rosa Côta, sua mãe, juntaram-se também as suas. Pois apesar da tenra idade, nas mãos e nas peças, o cunho ímpar da família e um futuro já antecipado como muito promissor garantia o valor, agora e para sempre, sobejamente confirmado.

Porventura, o despertar da valorização e reconhecimento, como se constata ao longo destas páginas, não surgiu da noite para o dia. Gerações de “Côtas” têm trabalhado o barro e construído um legado com marcas vincadas e refletidas como inspiração para a produção dos mais diversos argumentos: desde chocolates a moedas, passando por peças de vestuário a poemas, crónicas, joalheria, entre tantos outros. Com efeito, na reportagem da sic/sicnotícias, de 15 de janeiro de 2018, intitulada *A idade é para meninos*, onde se realça que:

“O trabalho de Júlia Côta está representado em todos os museus de artesanato deste país, nas maiores coleções privadas nacionais, em muitas internacionais e nas ruas da cidade onde nasceu. O seu artesanato contribui para perpetuar uma tradição que tornou Barcelos famosa um pouco por todo o mundo.” (*A idade é para meninos* (9) – reportagem da sicnoticias de 15.01.2018)

Conta vezes sem conta, que começou a “estragar o barro” ainda menina, nas mãos que cedo deram formas ao barro em peças sem par, e já lá vão quase oitenta anos nesta sina. Hoje trabalha na sua oficina, freguesia de Manhente, numa rua a que deu o nome, onde descreve uma rotina de trabalho conquistada humildemente nesse estatuto de artista:

*Os meus dias são todos iguais, um dia estou bem-disposta, outro dia estou menos. Isto parece que não mas é um bocadinho cansativo, são peças muito pesadas e a gente tem que as pintar sempre na mão. Cansa! Deito-me tarde e não gosto de me levantar cedo, gosto de aproveitar aquele bocadinho de manhã, e levanto-me já são essas 9 ou 10 horas... Já me levantei cedo muitas vezes, agora só quando é preciso!*

(9) <https://sicnoticias.pt/programas/a-idade-e-para-meninos/2018-01-15-Neta-do-criador-do-galo-de-Barcelos-tem-82-anos-e-continua-a-moldar-o-barro-1>

De igual forma, hoje afirma que já não faz feiras como antigamente, não porque a idade pesa, mas porque gosta de receber em casa, na oficina, na modéstia e simplicidade onde a criatividade acontece, mas cada vez mais vem aqui gente de todo o mundo.

*Hoje já só faço algumas feiras porque fica caro e é muito cansativo. Vou a Lisboa, que tenho lá muita gente que me trata muito bem. Às feiras de artesanato de Coimbra e Pombal também já vou há muitos anos e gosto. Claro que a melhor é aqui a Mostra (Nacional de Artesanato e Cerâmica) de Barcelos. Essa nunca falto... Se gosto de receber e conhecer os de fora, os da minha terra ainda mais. Tenho muito orgulho em ser de Barcelos!*

Quer continuar a “acarinhar” o barro até que as mãos já não o permitam mais. Não consegue estar muito tempo sem criar, sem bulir no barro, lugar onde se sente feliz. Das inúmeras visitas que recebe, a todas acarinha de igual forma e exhibe orgulhosa o seu trabalho, muito prontamente lembra:

*Sabe que esteve aqui na minha casa a Joana Vasconcelos. Ela diz que fez o galo, aquele grande, a pensar nos meus galos. Foi por causa do colorido das minhas peças que ela iluminou o dela.*

Sim, os incontornáveis diabos e as *magníficas mulheres* são símbolo de Júlia Côta, mas também o seu galo é singular. Tão internacional que atravessou o Atlântico e conquistou lugar nos EUA. Júlia conta a história do seu galo ter chegado às mãos de Barack Obama, através de um amigo:

*Fui convidada para ir à FIL a Lisboa e fiquei na casa de um Sr. Pessegueiro, que me deixou ficar na casa dele e não me levou nada da estadia, mas eu não sou dessas... Não gosto só de comer, também gosto de repartir e a minha mãe ensinou-me assim - A quem o dás, que bem o entendes, não o dás, se bem o vendes! Por isso, dei ao senhor o galo e era dele para fazer o que quisesse. Uns dias depois ligou-me a dizer que o galo tinha sido oferecido ao Barack Obama. E fez o Sr. Pessegueiro muito bem porque o galo é seu, podia fazer com ele o que quisesse. Depois mandou para minha casa uma notícia com a oferta do galo ao presidente. Eu fiquei toda contente!*  
(Programa Agora Nós da RTP em 10.02.2017) [\(10\)](#)

(10) <https://www.rtp.pt/play/p3027/e273111/agora-nos/556842>

Aliás, o relato desta mesma oferta internacional, foi noticiado em Barcelos no semanário *Barcelos Popular*, de 22 de agosto de 2013, edição 721:

**“Peça de Júlia Côta já chegou a Barack Obama**

Numa das suas viagens a Lisboa, para participar na FIL (Feira Internacional de Lisboa), Júlia Côta ficou em casa de uns conhecidos a quem acabou por oferecer um galo. Mais tarde, soube que o exemplar chegou aos Estados Unidos da América e a Barack Obama. “O senhor disse que o galo foi dado a um senhor que manda lá na América”. O “senhor negro” era afinal um dos mais poderosos homens do mundo. O galo que agora deve estar num qualquer corredor da Casa Branca é semelhante ao da fotografia, mas em branco. “O senhor disse que ele ficou de escrever uma carta ao presidente da Câmara”, mas até agora não chegou nenhum envelope com o selo de Washington.” O.C.

Ao reconhecimento diário, sempre presente no carinho e no abraço franco da genuína artesã, juntam-se os prémios e participações, que a distinguem como uma das maiores barristas barcelenses, de entre os quais destacamos, entre muitos outros:

- Em 1992, recebe a distinção de “Prémio Nacional de Artesanato – Artesanato Tradicional: Prémio Especial Cerâmica” pela Delegação Regional Norte do IEFP;
- Recebe, em 1998, o 1º prémio de cerâmica, no congresso histórico e cultural, “Barcelos Terra Condal – Sete Séculos de História” em Barcelos;
- No decorrer de 1999, recebe uma Menção Honrosa na área de Artesanato Tradicional com a obra “Peixeira” no Prémio Nacional de Artesanato do IEFP;
- De 1981 até à atualidade, na 37ª edição, mantém presença assídua na “Mostra Nacional de Artesanato e Cerâmica de Barcelos”, onde, inclusivamente, em 2006, recebeu o Prémio Inovação e, em 2013, foi distinguida com o Prémio Carreira.

No decurso dos seus 74 anos de ofício, um pouco por todo o país, marcou e marca presença em inúmeros eventos, feiras e exposições, que querem sempre receber o seu artesanato, arrecadando prémios e o reconhecimento do público que a procura, ora porque apareceu numa revista, ora porque a encontram nas redes sociais, ora porque ouviram falar dela em presença ou espírito corporizado nas suas peças mais características.

Pois, na ingenuidade recebe e na vaidade retribui, até quando pisou a *red carpet* do Portugal Fashion, em outubro de 2018, a convite da marca *Meam*, para a qual, sob o tema *Romaria*, desenhou peças de joalheria inspiradoras para a criação da coleção têxtil:

“Uma parceria com a artesã barcelense Júlia Côta para os acessórios e a possibilidade de aquisição de imediato das peças da nova coleção para a primavera-verão 2019, assinada pelo diretor criativo Francisco Rosas, são algumas das novidades que a marca Meam prepara para esta edição do Portugal Fashion (...) Acrescenta-se ainda a joalheria produzida por Júlia Côta, uma artesã que trabalha barro e que tinha já uma ligação com a Meam, uma vez que as suas peças estão à venda na 21 PR Concept Store, a loja gerida pela Meamstyle no Príncipe Real, em Lisboa. «Somos todos fãs e esta foi a forma, que eu acho maravilhosa, de homenagear e chamar a atenção para os artesãos», assume Maria do Carmo Mendes. Das propostas de acessórios, além dos colares, pulseiras, brincos e botões de punho de olaria tradicional da autoria de Júlia Côta, fazem ainda parte cestas de palha e socas regionais enlaçadas.” [\(11\)](#)

Nas últimas décadas, Júlia Côta recebeu vários prémios e distinções, participando em inúmeras feiras e exposições com o seu artesanato. De todas guarda memórias, impressas ou gravadas na lembrança, onde partilha o melhor de si e recebe o carinho e reconhecimento do público no abraço gigante de mente inquieta e espírito endiabrado... de barro sem forma.

(11) <https://www.portugaltexil.com/meam-em-romaria-no-portugal-fashion/>

## **EM SUMA**

No decurso destas páginas, moldam-se argumentos, perfilam-se histórias, descrevem-se imagens e imaginários de exaltação a Júlia Côta.

Júlia da Rocha Fernandes de Sousa de batismo, artesã viva, garrida, contagiante, única e autêntica com espírito e estatuto de génio criativo... Júlia Côta em toda a obra, simplicidade e essência.

Criadora de um mundo fantástico, refletido nas suas peças moldadas pela sua imaginação inesgotável e pródiga em figuras “brutas” e sem polimento, do frágil “pitinho” às magníficas e ostensivas bonecas, assim é o espólio de Júlia Côta.

Nunca o mundo terá outra tão genuína representante da arte popular barcelense e nacional, que no chão nasceu, recolheu e ergueu uma obra, uma vida, um estilo e uma forma de ser singular. Indubitavelmente, uma das marcas e imagens mais vivas e notáveis no quadro das artes e ofícios tradicionais, com uma vasta obra que está a conquistar o mundo da Rede Mundial das Cidades Criativas da UNESCO.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Barcelos Popular*, edição 721, de 22 de agosto de 2013.

Câmara Municipal de Barcelos, Museu de Olaria:

Figurado de Barcelos: Desenhos de Barro, 2006.

O Real e o Imaginário - Memória e Identidade no Figurado de Barcelos, Catálogo de Exposição, 2014.

Pelas Mãos de Côta, Catálogo de Exposição, 2017.

Geração Côta, Catálogo de Exposição, 2017.

Chaves, Luís, *Arte Popular*, 1936.

Costa, Alexandre Alves, Quando eram rudes e exilados, in *Mestres Artesãos do Século*, Ministério do Trabalho e da segurança Social, IEFP Lisboa, 2002, pp. 7-11.

Cruz, Angélica, Da comunidade à individualidade artística: as questões do género no Figurado de Galegos, in *Revista Mãos*, nº21, CRAT, CEARTE, CRAA, PPART, Porto, Abril/junho, 2003, pp.12-18. In [https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR460e7fb1977eb\\_1.pdf](https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR460e7fb1977eb_1.pdf) consultado em 29.07.2019

Magalhães, António Martins, *Barcelos - Guia Turístico*, Companhia Editora do Minho, Barcelos, 1987, p. 41.

Mimoso, João Manuel, Origem e Evolução do Galo de Barcelos, in *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, Barcelos, Câmara Municipal, Museu de Olaria, 2ª série, nº 4, 2009, p.142-159.

Providência, Paulo, Notas à estratégia expositiva, in Catálogo da Exposição *O Figurado Uma Visão do Mundo*, Barcelos, Câmara municipal, Museu de Olaria, pp. 27-36, 2002.

Vásquez, Félix Bello, *El Folklore en la Cerámica figurativa del Minho, Consideraciones históricas y etnográficas sobre el Noroeste de la Península*, Pontevedra, 2009, pp.187-189.

Viana, José e Moscoso, Patrícia, *O real e o imaginário: memória e identidade no figurado de Barcelos*. Município de Barcelos, Museu de Olaria, 2014.

## **DOCUMENTOS ON-LINE**

Maria Pereira, "Júlia Côtá - Figurado de Barcelos". <http://www.feiradebarcelos.com/artesaos/julia-cota> consultado em 25.07.2019.

*Programa do Baião* na sic, de 27.04.2019, recebe como convidada Júlia e Prazeres Côtá. Disponível em <https://sic.pt/Programas/olho-baião/videos/2019-04-27-Julia-Cota-e-neta-do-criador-do-Galo-de-Barcelos-e-mantem-a-tradicao-da-familia> consultado em 01.08.2019.

Reportagem TVI, de 27.07.2015, "Galos, Santos, Bonecos e Bestas". Disponível em <https://tviplayer.iol.pt/programa/reporter-tvi/53c6b3483004dc006243bd77/episodio/t2e30> consultado em 01.08.2019.

Reportagem sic / sicnoticias, de 15.01.2018, programa *A idade é para meninos* sob o título "Neta do criador do galo de Barcelos tem 82 anos e continua a moldar o barro". Disponível em <https://sicnoticias.pt/programas/a-idade-e-para-meninos/2018-01-15-Neta-do-criador-do-galo-de-Barcelos-tem-82-anos-e-continua-a-moldar-o-barro-1> consultado em 01.08.2019.

Reportagem TVI24, de 27.10.2018, intitulada "Júlia Côtá não sabe ler nem escrever mas molda o barro como ninguém". Disponível em <https://tvi24.iol.pt/videos/sociedade/julia-cota-nao-sabe-ler-nem-escrever-mas-molda-o-barro-como-ninguem/58c5af510cf2981e367a7a4a> consultado em 01.08.2019.

Reportagem rádio cavado

[https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=2330590270351724&id=740225239388243](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2330590270351724&id=740225239388243)

Revista Rua, consultado em <file:///C:/Users/nataliasilva/Desktop/julia%20cota/Júlia%20Côta,%20a%20genuína%20artesã%20de%20Barcelos%20-%20Revista%20RUA.html> consultado em 27.08.2019.

Tiago Coen, crítico, estudioso de arte popular, escritor.

<https://upart.wordpress.com/destaques/julia-cota/> consultado em 25.07.2019.

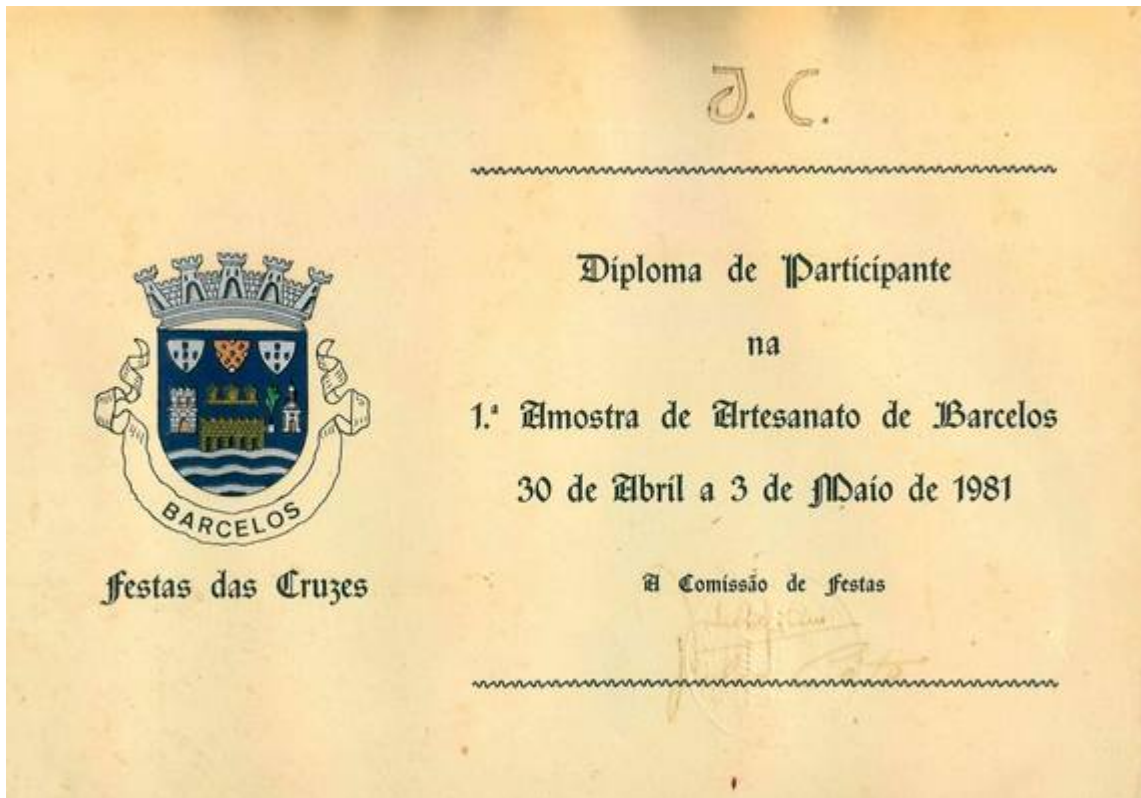
## **VÍDEOS YOUTUBE**

Programa Cruzes Canhoto sobre Júlia Côta. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VdwY0BVfto8>

Vídeo de um projeto desenvolvimento no âmbito da disciplina de Metodologia do design (Sara Macedo, João Carvalho, Manuela Melo, Ivan Rodrigues) “As magníficas mulheres de Júlia Cota” para Carla Craveiro de Valter Hugo Mãe. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=o8mu3zGbETo>

“Filha de peixe sabe nadar” de Catarina Zeferino - Trabalho de carácter académico — não comercial — Desenvolvido no âmbito da Unidade Curricular “Projeto e Portefólio em Audiovisual e Multimédia”, inserida no 3º ano da Licenciatura em Ciências da Comunicação, da Universidade do Minho. 03/06/2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TW6mXKWMpPY>

ANEXOS





**COMEMORAÇÕES DOS 700 ANOS  
DA ELEVAÇÃO DE BARCELOS A CONDADO**

Certifica-se que Julia Gota \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ participou na  
Exposição do Concurso Cerâmica - 1º PRÉMIO  
realizada por ocasião do Congresso Histórico e Cultural, BARCELOS  
TERRA CONDAL – SETE SÉCULOS DE HISTÓRIA, no âmbito das  
Comemorações promovidas pela Câmara Municipal de Barcelos.

Barcelos, 24 de Outubro de 1998

lv A Comissão Executiva

O Presidente da Câmara



PRÉMIO  
NACIONAL DE  
ARTESANATO

1999

DIPLOMA  
MENÇÃO HONROSA

Artêsão *Júlia Sousa*

Área *Tradicional*

Obra *Peixeira*

O Júri *Amândeo de Jesus Lourenço*  
*Júlia Amândeo de Jesus Lourenço*  
*Sociedade Civil para a Promoção*  
*Artesã*  
*Sociedade Civil para a Promoção*

Data, *6.1.1999*



Scanned with  
CamScanner



INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL  
MINISTÉRIO DO EMPREGO E DA SOLIDARIEDADE

**XXIV MOSTRA**  
de Artesanato e Cerâmica  
de BARCELOS PARQUE DA CIDADE  
28 de Julho a 06 de Agosto 2006

# PRÉMIO INOVAÇÃO<sup>06</sup>



EMBARCADA DO PARQUE DA CIDADE DE BARCELOS

Certifica-se que foi atribuído a **JÚLIA CÔTA** uma Menção Honrosa do **PRÉMIO INOVAÇÃO 2006**, promovido pela EMEC - Câmara Municipal de Barcelos, no âmbito da XXIV Mostra de Artesanato e Cerâmica de Barcelos.

Barcelos, 8 de Agosto de 2006

O Presidente da Câmara

(Fernando Reis, Dr.)



**JÚLIA CÔTA**  
PRÊMIO CARREIRA 2013

## A PAIXÃO PELO FIGURADO

Júlia Côtá fala sobre a sua obra e vida com uma paixão arrebatadora. "Adoro mesmo trabalhar no figurado. Estar com o barro nas mãos faz-me lembrar a minha mãe", conta. Foi a mãe, Rosa Côtá, quem a ensinou a moldar o barro. "Éramos oito irmãos, fui a única que aprendeu o modo de vida da minha mãe", conta Júlia Côtá, que teve sete filhos e vê a tradição familiar continuar pelas mãos de Prazeres Côtá. "Trabalha muito bem, muito perfeitinho", elogia.

Nascida em Galegos Santa Marta, a 26 de dezembro de 1935, Júlia Côtá vive na freguesia de Manhente na rua com o seu próprio nome. Nascida entre o barro, quando casou começou a trabalhar na indústria cerâmica. "Todos os dias passava à porta dos meus pais com um tabuleiro de louça à cabeça para levar para a fábrica e trazer outro para pintar em casa", recorda. Os pais acabaram por convidá-la a trabalhar com eles. Júlia aceitou. "Foi a melhor coisa que podia ter feito", lembra. Começou a ganhar "15 tostões à hora". Os pais viram que Júlia "fa bem" e o pagamento à hora transformou-se em sociedade.

De todas as peças que faz, as preferidas de Júlia Côtá são as bonecas, mas são muitas mais as que lhe permitiram firmar o seu nome a letras de ouro no figurado barcelense: diabos, gigantes, cabeçulos, carros de bois, coretos, presépios, santos populares e, claro, o Galo de Barcelos.

Além, o Galo de Barcelos feito por Júlia Côtá terá chegado às mãos do ex-Presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, através de um amigo e admirador da arte. ■

## Catálogos de exposição



[Consultar catálogo](#)



[Consultar catálogo](#)